

Para citar esse documento:

BUARQUE, Isabela Maria A. G; SEIDLER, Lara. Extensão universitária e dança: experiências docentes na UFRJ. *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Goiânia: ANDA, 2016. p. 133-143.



www.portalanda.org.br

Apoio:



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DANÇA: EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA UFRJ

Isabela Maria A. G. Buarque - UFRJⁱ

Lara Seidler - UFRJⁱⁱ

RESUMO: Esta comunicação visa apresentar as experiências docentes realizadas no segundo semestre do ano de 2015 com alunos das graduações em dança da UFRJ no que diz respeito à extensão universitária. No período apontado, ministramos a disciplina "Introdução à Atividade de Extensão" que tinha como objetivo conceituar a extensão universitária para alunos dos primeiros períodos e apontar possíveis caminhos para a construção de futuros projetos. A experiência possibilitou debates profundos e um diálogo fecundo sobre as possibilidades da dança se inserir de diferentes formas na sociedade, a partir da extensão universitária. O objetivo desta comunicação é apresentar os desdobramentos dessas experiências, buscando ampliar as visões acerca da extensão universitária e a linguagem da dança. Nossa hipótese se concentra na ideia de que esses alunos, que passam por experiências de extensão têm sua formação profissional e pessoal mais aprofundada.

PALAVRAS CHAVE: Dança. Extensão. UFRJ. Experiências.

UNIVERSITY EXTENSION AND DANCE: TEACHING EXPERIENCES

ABSTRACT: This Communication aims to present the teaching experiences in the second half of 2015 with students from UFRJ dance in degrees with respect to the university extension. At the appointed time, we ministered the course "Introduction to Extension Activity" which aimed to conceptualize the university extension to students of the first period and point out possible paths for the construction of future projects. The experience enabled deep discussions and a fruitful dialogue on the dance possibilities be inserted in different ways in society, from the university extension. The purpose of this communication is to present the consequences of these experiences, seeking to broaden the views on the university extension and the language of dance. Our hypothesis focuses on the idea that these students who go through long experiences have their training and further staff.

KEYWORDS: Dance. Extension. UFRJ. Experiences.

Introdução

Pensar na extensão universitária nos faz, neste trabalho, evidenciar a dinâmica de encadeamentos entre a universidade e a comunidade a partir da realidade, das exigências e peculiaridades do ensino superior em dança.

Partimos das experiências adquiridas na disciplina, agora obrigatória no currículo¹, intitulada Introdução à Atividade de Extensão, ministrada por um semestre, englobando os três cursos de graduação em dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por exigência da atual política da universidade esta disciplina tem o objetivo de se tornar um espaço permanente por onde todos os alunos dos cursos de dança da UFRJ devem passar, no sentido de ampliar os interesses discentes e possibilidades de ações da dança no campo da extensão.

A extensão universitária desenha uma teia complexa de aspectos na relação entre a universidade e a comunidade onde uma das dimensões principais é a função social do conhecimento, que deve se constituir como um dos pilares fundamentais em um processo de aprendizagem e sua ponte com a aplicabilidade prática imbuído de um compromisso social. Diante desse contexto apresentado, como a dança se coloca como disparadora de práticas extensionistas e quais dinâmicas elas delinea com as peculiaridades e particularidades de um campo de produção de conhecimento que abarca atribuições artísticas, educacionais e terapêuticas?

¹ Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (2012), OS "parâmetros pactuados no âmbito do FORPROEX tem por objetivo imprimir maior homogeneidade nacional às ações de Extensão Universitária e um direcionamento condizente com os anseios de grande parte da academia e da própria sociedade brasileira. Assim, esses parâmetros não prejudicam a autonomia das instâncias de deliberação superior das Universidades Públicas, especificamente a do Conselho Universitário, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (ou órgão similar), e, provavelmente, não contrariam decisões já formalizadas em Estatuto, Regimento Geral, Plano de Desenvolvimento Institucional, resoluções etc. Nas discussões realizadas nos Encontros Nacionais do FORPROEX, concluiu-se que, entre os diversos aspectos da rotina acadêmica relacionados com a Extensão Universitária, devem ser construídos e normatizados, com prioridade, os seguintes: processo de aprovação das ações de extensão; processo de monitoramento e avaliação da extensão, inclusive com definição de indicadores; formas de financiamento da Extensão Universitária; programas de bolsa de Extensão para estudantes; formas de participação do estudante nas ações de extensão; flexibilização curricular; integralização curricular de créditos em atividades extensionistas; valorização da participação do docente nas ações extensionistas; formas de participação de servidores técnico-administrativos nas ações extensionistas". Fonte: (<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acessado em maio de 2016).

O planejamento da disciplina foi pensado a partir de três momentos. O primeiro momento se deu por leitura de textos que abrangesse o conceito e seus aspectos no âmbito das atribuições acadêmicas e de ação: relação entre ensino, pesquisa e extensão, reflexões sobre os processos de aprendizagem, sobre a formação profissional; o segundo momento se deu na elaboração de propostas e formulação de projetos, neste sentido foram abordados aspectos técnicos para a construção de um projeto de extensão, como estudo de modelos de proposta-ação e visita aos projetos já em andamento na própria universidade. A partir desta fase, os alunos já deveriam se organizar em variados grupos de afinidades para desenvolverem propostas. O terceiro e último momento da disciplina foi o da culminância, em pelo menos uma aplicação prática da proposta criada e elaborada pelos alunos.

O objetivo da linha de proposição pedagógica da disciplina era o de possibilitar a experiência completa do ciclo de operações pertinentes a: identificação do que é extensão universitária e suas atribuições, possíveis ações e suas especificidades e por fim, vivenciar uma experiência de intervenção e prática. Isso quer dizer que a proposta do trabalho era ir além de somente elaborar uma proposta de ação de extensão, mas fazer o aluno refletir, criticar e compreender os diversos aspectos do processo. A justificativa para esse encaminhamento se deu pela possibilidade da experiência vivenciada, não somente possibilitar discussões e aprofundamentos de questões elencadas, mas de identificar aspectos muito particulares do campo da dança na extensão universitária.

A extensão como campo de diálogo em diferentes esferas

A Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ adota como uma definição de extensão universitária o conceito definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras no ano de 2010, que diz:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo,

Portanto, tratamos de perceber a extensão universitária como uma força motriz que impulsiona o diálogo entre os conhecimentos e saberes desenvolvidos no interior da universidade e os criados fora dela. A extensão se torna uma possibilidade fecunda de ampliação e produção de conhecimentos e geração de serviços para a comunidade que está além dos muros da esfera universitária.

Um dos principais desafios que as universidades enfrentam na contemporaneidade é não fazer das ações extensionistas um projeto assistencialista, onde a universidade torna-se salvadora de grupos e pessoas. A extensão universitária deve ser uma via de mão dupla e não uma imposição de saberes por parte dos "acadêmicos especialistas".

Nesta perspectiva, observa-se que atualmente que os debates acerca dos objetivos e formas de extensão universitária vêm crescendo dentro e fora das instituições. A UFRJ propõe diretrizes que orientem os trabalhos buscando minimizar as tensões que podem ocorrer dentro da relação universidade e sociedade. Estas diretrizes também estão em consonância com o FORPROEXT, Fórum de Pró reitores de extensão das universidades federais. São cinco as diretrizes: Interação dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão; Impacto na formação do estudante; Impacto na transformação social.

De acordo com essas orientações e com as mudanças exigidas pelo MEC nos últimos anos, todos os cursos passaram a ter a obrigação de pensar ações extensionistas obrigatórias dentro das grades curriculares dos cursos de graduação oferecidos. Pensando especificamente os cursos de dança da UFRJ, a proposta foi criar disciplinas que pudessem dar aos alunos a oportunidade de discutir e vivenciar práticas extensionistas.

Assim nasceu a disciplina Introdução à Atividade de Extensão, que pudemos ministrar em 2015/2. Os alunos que trabalharam conosco em 2015/2 já haviam

passado pela experiência da disciplina Introdução à Extensão, no primeiro período de 2015. Os objetivos da disciplina de 2015/2 eram: apresentar e discutir diferentes conceitos de extensão universitária; refletir sobre a extensão universitária no Brasil e na UFRJ; conhecer os projetos de extensão na UFRJ - Dança e, por fim, incentivar a elaboração de ações de extensão.

A principal ideia era ampliar a visão do aluno sobre extensão universitária a partir do contato efetivo com as práticas de extensão e com o suporte teórico necessário. mais do que discutir dentro do espaço das salas de aula, nosso intuito era o de despertar a curiosidade e inquietações nos alunos, para que estes pudessem ter o desejo de ir à prática. de Investigar, de buscar saídas e soluções para os problemas que detectavam.

As aulas foram divididas em módulos. No primeiro tratamos de ouvir as experiências dos alunos. Verificar o que eles entendiam por extensão e quais projetos tinham conseguido apontar como projetos de extensão dentro do departamento - DAC - no primeiro período com a outra disciplina. Em um segundo módulos nós discutimos textos e conceitos e todos os alunos envolvidos na disciplina tinham que trazer problemáticas dos textos para serem debatidas em sala. No último módulo, propusemos que os alunos criassem atividades de extensão e que pudessem tentar efetivar uma atuação em campo.

Ao longo da disciplina pudemos ter surpresas positivas e também reafirmar questões que são sempre debatidas quando se fala em extensão universitária.

Professor-aluno na dinâmica ensino-aprendizagem

O conteúdo da disciplina estava pautado, fundamentalmente em dois eixos: conteúdos conceituais, principalmente sob a luz de Paulo Freire (2013) e conteúdos técnico-burocráticos que foram divididos em procedimentos e normas da elaboração de uma proposta de atividade de extensão e procedimentos e normas para aplicação da atividade de extensão. A dinâmica de condução do processo de orientação era pautada no nosso compromisso em estabelecer uma visão

horizontalizada nos debates, valorizando os saberes dos alunos e estimulando-os a se verem, também, como agentes de extensão à medida que iam se responsabilizando pelas suas ações frente aos atores da comunidade, estabelecendo, assim, novas relações e processos de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que a disciplina pretendia despertar o olhar do aluno para a importância do papel do ensino superior como alicerce fundamental na formação técnica-cidadã do estudante. O que é ser cidadão: saber seus direitos e deveres que num âmbito de uma proposta de extensão tem a ver com a investigação (no sentido do papel crítico do incentivo do professor) e entendimento das realidades sociais das comunidades com as quais se pretende desenvolver propostas, no sentido de saber quais são seus direitos e possibilidades de abertura. Saber por que caminhos são possíveis a viabilização de propostas de atividades e nisso são englobados aspectos, muitas vezes, de cunho institucional e burocrático na facilitação ou não na implementação de possíveis atividades de extensão junto a determinados grupos sociais.

No sentido íntimo da relação entre a orientação acadêmica e o aluno proponente de ações podemos vislumbrar: estimular o aluno a entender a possibilidade de se diminuir as distâncias entre o conhecimento acadêmico e a realidade social, ajudando-o a aprender com vistas otimistas à larga ideia de que é possível contribuir para a educação de um grupo, comunidade e sociedade, desde que não se dê margem à imobilização e sim ao sentido de superação e adequação.

Dentro deste contexto, buscamos apresentar e discutir com os alunos sobre os procedimentos e normas da elaboração de uma proposta de atividade de extensão, bem como os procedimentos e normas para aplicação da atividade de extensão. Além de pontuar normas, buscamos valorizar as experiências que cada aluno trazia ao debate. A ideia era apontar desdobramentos e também colocar de maneira clara que existem uma série de empecilhos e dificuldades, mas que sempre há brechas que podem tornar o trabalho possível. incentivar sem perder a noção de realidade.

Os debates sobre a elaboração de projetos de extensão foram divididos em duas etapas a saber: a) Processo de elaboração do projeto de extensão, que compreendeu as seguintes etapas: pesquisa e embasamento da temática proposta; visitas aos possíveis locais: pertinência da temática/necessidades/exigências do público; b) Varredura no campo social possível: possibilidade de atuação interdisciplinar; possibilidade de acesso à comunidade (violência, aceitação, dificuldades burocráticas, dificuldades discriminatórias).

Após estes momentos de discussão e reflexão, os alunos foram orientados e incentivados a vivenciar estas etapas no campo propriamente dito. Houve por parte dos discentes uma mistura de empolgação com medo de aceitação. O resultado destas idas a campo foi apresentado ao final da disciplina e será exposto no próximo tópico.

Questionamentos pertinentes à especificidade da Dança

Após a volta do campo, os alunos puderam apresentar seminários, explicitando a vivência. A experiência adquirida a partir da disciplina ministrada permitiu identificar questões muito particulares que a dança, enquanto campo de saber envolve, ainda que provavelmente por se tratar de um campo de produção de conhecimento jovem, mas que já galgou profundas conquistas muito por conta da disseminação dos cursos de formação acadêmicas pelo Brasil e pela quantidade de egressos que integram o mercado de trabalho com um nível de aprofundamento e conhecimento relevantes.

As primeiras questões que surgiram com força nos discursos foram: como a dança é compreendida na sociedade atual frente aos largos passos pelos quais a dança caminha em direção à plena democracia dos corpos e formas de mover. O papel da mídia como formadora de opinião (vide os programas de concursos de dança na TV, abordagens rarefeitas e atreladas ainda a uma visão muito ultrapassada da dança).

Muitos alunos questionaram sobre o desconhecimento da dança enquanto área autônoma e específica do saber, por parte de gestores, profissionais de

educação, líderes comunitários. Vários foram surpreendidos por encontrar "alunos de dança na universidade". Quase todos os alunos ouviram: "Mas vocês estudam dança na universidade?"; "Mas estudam o que?"; "É igual aquela dança do Fustão"? É balé? Ou seja, percebe-se que o discurso social sobre dança ainda vai ao encontro do que é veiculado na mídia de massa.

É clara a interpelação de Paulo Freire (2013, pág. 136) "Como enfrentar o poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua 'sintaxe' que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito".

Ainda então, entende-se o campo de atuação das propostas de extensão, muitas vezes com função de formar, esclarecer e atualizar o público, a comunidade e a sociedade com relação ao atual pensamento criativo e democrático da dança.

Os questionamentos perpassavam, também, sobre qual papel das propostas extensionistas da dança especificamente que esbarram, de maneira muito contundente, sobre sua pobre compreensão e legitimação no amplo alcance de uma sociedade que em sua maioria sequer tem acesso digno as manifestações artísticas em suas abrangências e que quando tem, são manifestações pautadas por formatos econômicos de produção (muitas vezes danças compostas para apresentações de comemorações e finalizações de etapas de práticas onde o princípio é a reprodução de movimentos arrumados sem o mínimo de reflexão crítica, higiênica, sobre a criatividade, ou mesmo sobre uma coerência pedagógica.

Em suma, a atuação extensionista da dança ainda se preocupa com questões de legitimação do seu próprio fazer, com a educação através da arte além das especificidades pertinentes de cada projeto que visa uma ação desta natureza.

Vemos como exemplo, o projeto de duas alunas (título) que consistia em atuar junto de crianças acamadas. As dificuldades estavam presentes em vários níveis como na: dificuldade de acesso ao grupo de crianças hospitalizadas, pleno aceite dos outros profissionais envolvidos e dificuldade do trabalho ter credibilidade, a constante necessidade do profissional de dança ter respaldar seu conhecimento técnico por métodos científicos e outros.

Por outro lado, as dificuldades podem servir de ferramentas para o sentido de inventividade, criatividade, adaptabilidade que podem somar e contribuir para a continuidade dos trabalhos e ideais do profissional da dança, frente ao mercado de trabalho. Os projetos apresentados basicamente se encontravam nas seguintes áreas de atuação: educação, saúde e cultura popular.

Avaliação da disciplina

A experiência adquirida a partir da disciplina ministrada permitiu identificar questões muito particulares que a dança enquanto campo de saber envolve, ainda que provavelmente por se tratar de um campo de produção de conhecimento ainda jovem, mas que já galgou profundas conquistas muito por conta da disseminação dos cursos de formação acadêmicas pelo Brasil e pela quantidade de egressos que integram o mercado de trabalho com um nível de aprofundamento e conhecimento relevantes.

Sob o cunho processual da disciplina, alguns aspectos podem ser listados tanto positivos como negativos e que servem de pontos fundamentais de retroalimentação para as próximas elaborações acadêmicas. Dentre elas citamos: os alunos apontaram uma grande burocracia impedindo o acesso às atividades de extensão; ressaltaram que a escrita de um projeto de extensão envolve muitas negociações: entre as ideias, entre os conceitos, entre a equipe, o que envolveria mais tempo de encontro entre os estudantes e, talvez mais tempo de duração da disciplina; houve pouca mobilização dos estudantes para a aplicação dos projetos dentro das imediações do campus universitários; houve discussão sobre as vantagens e desvantagens de se colocar este tipo de disciplina no início ou final do curso de graduação, de modo se a maturidade acadêmica do aluno é adquirida, muitas vezes, com o tempo de curso e; foi unânime o reconhecimento, por parte discente, do papel importante do "espaço" da dança dentro da universidade como campo autônomo de produção de conhecimento. Por fim, também tivemos algumas dificuldades de cunho operacional, por ministrada aos sábados pela manhã.

À guisa de conclusão

A experiência com a disciplina nos mostrou o quanto é importante abordar tal tema com os alunos ao longo da graduação. e percebemos que as ações devem ser continuadas e não apenas um momento específico da graduação. A avaliação dos alunos também possibilitou que percebêssemos o quanto eles se interessaram pelos projetos. grande parte deles demonstraram interesse em continuar refletindo sobre as possibilidades de atuação do projeto, com intuito de poder inserir as propostas em projetos já existentes. Percebemos claramente que o campo d dança tem um grande alcance no que diz respeito à extensão universitária, pois pode permear diferentes áreas do conhecimento, como educação, saúde, dentro outros.

Um ponto importante mencionado pelos alunos foi a importância de se "aprender no e pelo corpo", ou seja, muitos pensaram seus projetos como uma forma de produção de conhecimentos pela experiência vivida nos corpos. Experimentar no corpo pode levar a descoberta de sensibilidades diferentes. E aí gera-se uma série de produções de conhecimentos.

Percebemos também como há desconhecimento por parte da sociedade em relação ao campo da dança e o grande estranhamento causado pela ida de alguns alunos a determinadas instituições e locais. Este estranhamento gerou um incentivo aos alunos. Muitos também se colocaram como agentes que buscam, a partir do projetos e ações, fortalecer o campo da dança e torná-lo mais conhecido e mais acessível à população.

Com este relato podemos afirmar a importância da dança na extensão universitária e a importância de inserir as discussões com os alunos dentro e fora da universidade.

Referências:

FORPROEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária.**
<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acessado em maio de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

SÍVERIS, Luis (org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem.** Brasília: Liber Livro, 2013.

ROHDEN, Huberto. **O homem e o Universo.** São Paulo, 1990.

ⁱ Prof^a. Dr^a. Isabela Maria A. G. Buarque – Departamento de Arte Corporal/UFRJ.

e-mail: isabuarque@hotmail.com

ⁱⁱ Prof^a. Dr^a. Lara Seidler de Oliveira - Departamento de Arte Corporal/UFRJ.

e-mail - laraseidler@yahoo.com.br